

Parte 2 - Processos educacionais e comunicacionais para formação do profissional de Comunicação

Representação da literatura brasileira no jornalismo em língua alemã

Sonia Breitenwieser Alves dos Santos Castino

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CASTINO, SBASC. Representação da literatura brasileira no jornalismo em língua alemã. In: NAGAMINI, E., org. *Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 249-264. Comunicação e educação series, vol. 1. ISBN 978-85-7455-439-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Representação da literatura brasileira no jornalismo em língua alemã¹

Sonia Breitenwieser Alves dos Santos Castino²
Faculdade Cásper Líbero (FCL)

Para saber o que cada um é, são necessários ao menos dois homens.

Alberto Manguel (2008, p. 55)

Introdução

Este artigo é um desdobramento de pesquisa realizada junto ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) da Faculdade Cásper Líbero, em 2013. Nossa proposta foi investigar a imagem da **Literatura Brasileira Contemporânea** na cobertura do tema feita por periódicos representativos no cenário da imprensa na Alemanha e na Europa, como *Der Spiegel*, *Focus*, *Die Welt*, *Die Zeit*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (FAZ) e *Die Tageszeitung* (TAZ), em suas versões *on-line*.

O que chamamos de literatura brasileira é parte de um sistema cultural multifacetado e complexo que, no caso em questão, está sendo apresentado a um segundo sistema cultural multifacetado e igualmente complexo — o germânico. Ocorre um processo de inter-relações, mas tanto um quanto o outro se identificam internamente por valores simbólicos, padrões de pensamento, maneiras de se relacionar com o real³ e por construir certa imagem do outro.

1 Trabalho originalmente apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Texto atualizado para esta publicação.

2 Doutora em Letras, na Área de Filologia e Língua Portuguesa, atuando na área de Língua Portuguesa em diversos cursos de Comunicação Social; docente da Faculdade Cásper Líbero.

3 Muniz Sodré (1983) define: "Cultura designará o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentido, de abolir a universalização

O acesso às obras brasileiras depende da disponibilidade de traduções, assim, a escolha do que traduzir, o tratamento editorial que recebe a obra e o viés dos comentários sobre ela na mídia podem revelar a imagem da literatura e, conseqüentemente, da cultura brasileira projetadas naquele outro país. Ao mesmo tempo, a escolha da obra a ser resenhada pelo jornalismo internacional indica postura ideológica não somente para divulgação da literatura brasileira, mas também para sua valorização.

Além dos clássicos Machado de Assis, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa⁴; além do sempre *best-seller* Jorge Amado e do atual *super best-seller* Paulo Coelho que assina metade dos lançamentos brasileiros na Alemanha, segundo Michi Strausfeld, *scout* de literatura latino-americana da editora Fischer, vários outros escritores brasileiros têm sido citados com menos ou mais visibilidade na imprensa alemã, tais como: Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Antonio Callado, Rubem Fonseca, João Ubaldo Ribeiro, Plínio Marcos, Raduan Nassar, Milton Hatoum, Bernardo Carvalho, Chico Buarque, Paulo Lins, Patrícia Melo, Daniel Galera, Luiz Rufatto, Cuenca, Andrea del Fuego e ainda outros.

O *corpus* da pesquisa aqui considerado abrange quatro textos publicados nos periódicos alemães Focus, TAZ e FAZ. Versam sobre obras do brasileiro Milton Hatoum no âmbito de uma literatura que acompanhou as transformações sociais e políticas ocorridas no Brasil depois da ditadura, com formas de expressão responsivas a essa nova realidade brasileira, além de discutir a inclusão de novas vozes sociais e, muitas vezes, incorporar recursos e estratégias das linguagens das mídias. Vale ressaltar que, no contexto educacional, o autor, nos últimos anos, tem conquistado espaços, visto que passou a compor listas de leituras obrigatórias para exames vestibulares para ingresso de várias instituições de ensino superior. Tal fato mostra uma mudança na perspectiva da educação, valorizando também autores contemporâneos, além daqueles já historicamente consagrados.

A escolha de Hatoum para ser traduzido reflete a valorização também na Europa desse autor, crítico e jornalista cultural, que tem publicado textos de cunho não literário no Neue Zürcher Zeitung (NZZ), periódico de grupo suíço, com excelente circulação também na Alemanha e Áustria.

das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano".

4 Seu *Grande Sertão: Veredas* consta da lista dos 100 melhores livros de todos os tempos, segundo a revista FOCUS n.21, de 18/05/2002.

Podemos levar em conta que esses textos jornalísticos na imprensa alemã, na escolha dos temas e no recorte com que os trata, refletem o repertório, interesses e preferências estéticas do público a que se destinam. A mídia sempre tem o sotaque do mercado. Um dos objetivos das resenhas é divulgar a obra para que seja consumida, para além de seu valor cultural. Há que se considerar que a obra – na materialidade do livro – será comprada/lida. A escolha do que traduzir é influenciada por esse contexto que inclui o prestígio dos autores lá fora.

Ao tratar da literatura brasileira, os jornalistas e colaboradores dos periódicos estudados deixam entrever a imagem que têm da nossa literatura e do Brasil. Em âmbito mais geral, parece-nos relevante para o estudante de comunicação discutir as imagens que um povo constrói do outro, pois pode ser um caminho para melhor entender-se. Esse exercício poderia ser feito igualmente com resenhas de obras de escritores alemães publicadas em jornais brasileiros.

A análise de conteúdo segue necessariamente paralela à análise de elementos textuais. Interessa-nos investigar, nos textos do *corpus* proposto, como certos processos de referenciação, como a anáfora, podem ter efeito argumentativo, uma vez que, dentro do que a língua lhe oferece, o sujeito escolhe as expressões capazes de dar conta de sua proposta de efeitos de sentido devido a certa sua intencionalidade. O material linguístico escolhido pelo sujeito para a remissão, no texto, revela-se, desse modo, parte de uma estratégia cognitiva, discursiva, com efeitos sobre o interlocutor.

Será possível vislumbrar a imagem da cultura brasileira por meio da análise da cobertura jornalística do tema específico – literatura brasileira contemporânea – e investigar estratégias discursivas específicas escolhidas pelo jornalista e seus efeitos de sentido, certamente, dirigidos a certo perfil de leitores. Assim, o jornal procura apresentar-se como quem responde a demandas, explícitas ou não, dos leitores e reflete um conjunto geral de ideias que circulam entre esses leitores.

Esse tipo de análise pode auxiliar o estudante de comunicação a perceber como a referenciação constrói o texto e o jogo de sentidos e a desenvolver as diversas competências exigidas para essa atividade cognitivo-interativa altamente complexa, que é a escrita.

A Referenciação

A língua não é mero espelho do mundo, mas se realiza em práticas sociais que constroem cognitivamente o mundo como objetos discursivos, a partir

da experiência e da relação entre sujeitos que negociam os sentidos. “Referir não é mais atividade de etiquetar um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os referentes passam a ser objetos de discurso e não realidades independentes” (KOCH; MARCUSCHI, 1998)⁵. Assim, a língua não pode ser entendida como um dado que meramente designa a possível extensão referencial de nossos itens lexicais, como se eles etiquetassem o mundo fenomênico, externo. O processo discursivo da referenciação é que constrói os referentes e o faz negociando-os no desenrolar do discurso⁶. Isso significa que a referenciação precisa ser vista como uma atividade discursiva e não apenas textual, que acontece em situações de interação social, dentro de um grupo social, por sua vez inserido em uma cultura.

Convém aqui lembrar que, nesta pesquisa (que é um texto), iremos analisar textos sobre textos. Em cada uma dessas instâncias, trabalha-se com certa imagem da literatura brasileira contemporânea que não é dada aprioristicamente, mas é edificada pelos interlocutores e pelos textos e discursos já feitos sobre o tema.

Ingedore Villaça Koch (2008) identifica o texto como o lugar de interação de interlocutores em diálogo, sujeitos ativos na construção dos sentidos, que é uma atividade cognitivo-interativa altamente complexa e que exige diversas competências. A referenciação salienta o caráter dinâmico do processo de construção de referentes entendidos como objetos de discurso e não de objetos do mundo. No discurso, a progressão referencial se realiza de maneira extremamente variada e dinâmica, para o que se recorre a diversos processos de referenciação ainda não suficientemente estudados.

5 Essa ideia de que a realidade empírica extramental é uma construção não dada aprioristicamente, Koch e Marcuschi foram buscar em Wittgenstein, para quem o significado depende de habilidades comunicativas aprendidas no interior de uma vivência, após longo período de socialização linguística, e consequentemente o conhecimento é mediado linguisticamente, uma vez que as coisas só adquirem sentido e só são cognoscíveis na linguagem (WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994).

6 Maria Margarida Salomão (“Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo socio-cognitivo da referência”, p. 158-9, in: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.) alerta-nos sobre o risco de postular a verdade (em suas palavras) como construção semântica, comunicativamente validada e a reduzir a verdade a mero acordo intersubjetivo. Lembra, então, a necessidade, dada a natureza essencialmente social da cognição, de que tenhamos, à disposição, âncoras materiais para as integrações conceituais, por meio das quais rompemos as barreiras de nossa experiência mental subjetiva.

A anáfora, aqui entendida em sentido amplo como retomada ou remissão textual, muitas vezes é feita por uma expressão nominal, usada num texto para categorizar ou recategorizar segmentos precedentes ou subsequentes, que sofrem encapsulamento. Nesses casos, temos o que Koch (2008) chama de rotulação. Os rótulos podem ser nomes genéricos (do tipo: *estado, fato, fenômeno, circunstância, condição, evento, cena, atividade, hipótese*, etc.). Além disso, o rótulo pode acrescentar informação e indicar o posicionamento do autor sobre o que é dito.

Koch (2008) explica que não só rotulam o que as precede ou segue (como um acontecimento, uma hipótese, uma cena), mas também criam um novo referente textual, que por sua vez passará a constituir o tema dos enunciados subsequentes.

Flusser (1994)⁷ ressalta que a língua articula a essência (consciente e inconsciente) do grupo que a compartilha e materializa o espírito de tal grupo e sua visão do mundo. Mondada e Dubois (2003) já haviam proposto que os objetos de discurso devem ser entendidos como constructos culturais, resultantes das atividades da linguagem, verbais e não verbais, dentro de um tipo de versão pública do mundo. [...] Assim, as categorias e objetos de discurso são constitutivamente instáveis, sempre em processo. Por outro lado, há uma força estabilizadora quando as categorias firmam-se em protótipos e estereótipos.

O rótulo, ao mesmo tempo, tem um papel referenciador (retoma informação dada ou que pode ser inferida) e um papel predicativo (dá informação nova). Além disso, pode imprimir ao discurso uma determinada orientação argumentativa, mas cabe ao leitor reconstituir o texto encapsulado e perceber a intenção do autor do texto ao usar um, e não outro, rótulo. O rótulo faz o texto olhar para trás – é retrospectivo – para encapsular e reintroduzir como dada certa situação descrita em enunciados precedentes e espiona à frente – é prospectivo – para avaliar a situação.

É interessante notar que um rótulo pode encapsular uma porção maior ou menor de texto. Sob uma perspectiva sistêmico-funcional, Francis (2003, p. 200) afirma que a

7 Obra editada originalmente em alemão sob o título *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen: Fur eine Phänomenologie der Unterentwicklung* (Brasil, ou a procura de um novo homem: por uma fenomenologia do subdesenvolvimento), Bollmann Verlag, 1994. Em português, tem o título de *Fenomenologia do brasileiro*, organizado por Gustavo Bernardo, Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

extensão precisa do discurso a ser seccionada pode não importar: é a mudança de direção assinalada pelo rótulo e seu ambiente imediato que é de crucial importância para o desenvolvimento do discurso. Pode-se mesmo arguir que uma indistinção referencial deste tipo pode ser usada estrategicamente pelo escritor para efeitos criativos ou persuasivos.

Em sua tese de doutorado, defendida em 2005, Maria Angélica Freire de Carvalho investigou a multifuncionalidade dos rótulos, que servem como recursos de condução de tópicos e subtópicos, de progressão referencial e como forma de explicitação de pontos de vista.

Koch (2008), sob a perspectiva discursivo-argumentativa, analisa a multifuncionalidade dos rótulos, que podem ter *funções cognitivo-discursivas*, ligadas à memória, à interpretação de complexos e à organização textual ou à *função de orientação argumentativa*: meios privilegiados de condução e explicitação de pontos de vista do produtor não só no que diz respeito aos conteúdos veiculados, como também aos seus enunciadores, inscrevendo, desta forma, a argumentatividade no texto.

Koch (2008) acrescenta ainda que, ao se rotularem segmentos textuais, cria-se um novo objeto de discurso e o produtor do texto procede a uma *avaliação do que foi dito* nesses segmentos, com maior ou menor força argumentativa. As opiniões dos produtores do texto e as dos leitores projetados, podem alterar os sintagmas nominais encapsuladores. Assim é que: “a sinonímia por encapsulamento anafórico apresenta *um ponto de vista*, um modo de compreensão, de *interpretação inferencialmente construída em uma interação social*” (MELO, 2008, p. 89-90, grifos nossos).

O autor do texto propõe sentidos de acordo com os conhecimentos de mundo, mas o seu interlocutor, o leitor, fará inferências também de acordo com o conhecimento que tem dos objetos do mundo. Ambos têm certa perspectiva de observação que é negociada no texto.

Imagologia: imagens do Brasil

Em textos de alemães sobre o Brasil, como já observamos em Castino (2011), surge uma imagem complexa e contraditória do país - ora como paraíso terreal – *locus amoenus*, ora como a negação do éden, como nas visões de horrores infernais, por exemplo, narradas por Hans Staden. Tal imagem foi construída historicamente entre os alemães a partir dos relatos dos viajantes. Temos ressaltadas as imagens de uma terra de natureza exuberante, mas

com selvagens vivendo a barbárie de práticas primitivas. Ou temos um Brasil urbano violento ou um Brasil natural edênico. O que motiva essa polaridade, visível nessas qualificações, pode vir a ser objeto de investigação, mas foge ao escopo desta pesquisa: há uma tendência humana cognitiva e que se revela nos produtos de diferentes culturas, de categorizar a realidade a partir de opostos binários, como explica V. V. Ivanov, em *Gerade und Ungerade: die Asymmetrie des Gehirns und der Zeichensysteme*, publicado pela editora Hirzel, em 1983. A esse respeito, Joep Leerssen (2000) sugere mesmo que o exame da “estrutura profunda” de grande parte dos estereótipos nacionais revela que se baseiam em pares opostos, como Norte/Sul, forte/fraco, central/periférico. Esses opostos variáveis devem ser estudados diacrônica e historicamente. As características nacionais mais imputadas exibirão uma natureza binária, capaz de atribuir características fortemente contraditórias para qualquer grupo nacional dado (que será sempre “um país de contrastes”).

No caso dos alemães, sobre o Brasil, houve no decorrer do tempo uma oscilação entre a imagem positiva e a negativa. Entre as décadas de 1950 e 1970, por exemplo, ganhou força a imagem do paradisíaco, transmutado pelo pitoresco e exótico, mais recentemente observa-se o primitivo e selvagem transmutado em violência nas grandes cidades brasileiras (embora certamente essa violência urbana seja comum a várias megacidades no mundo).

Barbosa (2010, p. 269) salienta que “a prática da literatura e **por extensão também de sua crítica**, abraça necessariamente o olhar do outro” (grifo nosso), e mais adiante: “a ação de olhar para o outro traz consigo sempre uma dose de estereótipos, isto é, de imagens das práticas culturais alheias que adquirem um significado determinado, cristalizam-se e passam a compor o conjunto de fatores que determinam a percepção do outro”.

Um texto tem, vocacionalmente, uma função pública. As dinâmicas de estereótipos nacionais estão vinculadas a práticas históricas, sendo assim, Joep Leerssen (2000) acredita ser possível, através dos imagotipos, ir além da análise textual imanente e chegar a uma retórica da caracterização nacional e dos estereótipos nacionais.

Isso tudo significa que os imagotipos podem ser mais do que estratégias textuais, cognitivas ou de leitura e estar vinculados não só a questões argumentativas, mas também culturais.

Recorremos a estudos no âmbito da Imagologia (CARVALHO, 1998; DEWULFE, 2001; SOUSA, 2004, 2011; ROMERO, 2005; CAMARGO, 2006; BARBOSA, 2010; SILVA, 2011) para investigar a imagem do Brasil, e por extensão, da literatura brasileira contemporânea, divulgada na imprensa alemã.

A Imagologia — originalmente literária, pois era parte dos estudos de Literatura Comparada — é uma área do saber que investiga imagens de nações e/ou de povos ou de grupos, veiculadas em textos literários (poéticos, de história da literatura, de crítica literária e respectivas traduções). Para Camargo (2006), trata-se da investigação da maneira como se reage, na literatura de um determinado país, à literatura e à cultura de um país estrangeiro/estranho. No entanto, ampliou-se mais recentemente o âmbito de interesse da Imagologia, que examina a imagem de países, de povos e de grupos em quaisquer textos escritos, não só literários.

Ricoeur (apud ROMERO, 2005) procura chegar à definição de termos como *imagem* e *estereótipo*, e aborda uma questão básica: como um discurso em forma de texto pode ser interpretado e como entender esse processo que culmina no leitor e nos mecanismos de que ele se vale para tornar seu o texto que lê, não como uma composição linguística autônoma, mas em conexão com um discurso vivo, o verdadeiro destino da leitura?

Em estudos de Imagologia, o termo *imagem* é substituído pelo termo *imagotipo*, quando se está falando da imagem inculcada que um povo ou país tem de outro povo ou país. Em sua maior parte, tais estudos consistem em classificar os distintos *imagotipos* e em investigar seu papel nos textos. Mas além da *imagem inculcada do outro* (*heteroimagotipo*), existem os chamados *autoimagotipos*, ou seja, a *imagem inculcada de si mesmo*. Ambos os tipos são interdependentes e complementares. O outro pode ser representado com características estereotipadas para acentuar sua estranheza/estrangeirice, e com isso ressaltar os valores e características atribuídas à própria nação/terra natal e de si mesmo.

Celeste Ribeiro de Sousa (2004) lembra que não só a *imagem do Brasil* está em textos literários alemães, mas a *imagem de países e povos da Europa* também aparece muitas vezes em obras da literatura brasileira, às vezes de forma distorcida ou negativa, assim como o Brasil é apresentado, por exemplo, muitas vezes como país/povo essencialmente exótico, em obras da literatura europeia.

Podemos supor que a persistência dos *imagotipos*, em sua antiga face ou transmutados, sirva de ponte, de acesso persuasivo aos temas que realmente interessam aos jornalistas/resenhadores. Vamos assumir a hipótese de trabalho que os *imagotipos* em relação ao Brasil e nossa literatura, assim como outros estereótipos, provavelmente constituem âncoras textuais necessárias para servir de apoio para a construção de novos sentidos. Mesmo ao retomá-los, os resenhadores podem usá-los para superar esses mesmos *imagotipos*. Vamos considerar, assim, que esses *imagotipos* são mais do que meras ferramentas textuais.

Observamos em Castino (2011) a ocorrência de certos imagotipos a respeito do Brasil, os brasileiros e sua literatura, persistentes em uma mostra da produção jornalística alemã sobre os autores brasileiros. Foi constatada a presença dos seguintes imagotipos: *o Brasil é o país do samba; o Brasil é um paraíso edênico, o Brasil é exótico e a literatura brasileira também; brasileiro é ignorante; o Brasil é uma terra violenta e selvagem; a mulher brasileira é bonita e sensual; brasileiro é cordial; o Brasil é o país do carnaval X o brasileiro é resultado de três raças tristes; o Brasil é um país de contrastes; o Brasil é o país da miscigenação; o Brasil é um país gigante; Só nossa língua tem a palavra saudade; o brasileiro é muito religioso*⁸. Esse grupo foi nosso ponto de partida para as considerações aqui apresentadas.

Texto1) Imagotipo Brasil gigante. A revista Focus, de 23 de junho de 2010, publicou a notícia⁹ *Brasilien 2013 Ehrengast der Frankfurter Buchmesse*, a respeito da participação do Brasil como país convidado de honra da futura feira de Frankfurt de 2013, salientando o pequeno número de novos títulos traduzidos para o alemão em 2010. São citados, como os mais conhecidos no exterior, os *autores contemporâneos* Paulo Lins, Milton Hatoum, Bernardo Carvalho e Patricia Melo, o *clássico* Jorge Amado e o *best-seller* Paulo Coelho, estes já traduzidos para o alemão. Nessa matéria, o referente *Brasil* é retomado pelas expressões nominais: *aufstrebenden Supermacht Sudamerikas* (superpotência emergente da América do Sul); *das bevölkerungsreichste Land Lateinamerikas* (o país mais populoso da América Latina); *der größte Lizenzabnehmer auf dem gesamten amerikanischen Kontinent* (o maior captador [de licenças de títulos alemães] em todo o continente americano).

Texto 2) Muttersland¹⁰, *Vatersverse* (*Terra materna, versos paternos*) é o título de uma resenha de Ute Hermann, publicada no TAZ, de 10 de dezembro de 2002, sobre *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, em que este autor é identificado como *Der brasilianische Schriftsteller* (o escritor brasileiro), e nossa história é qualificada de mutante (*die wechselvolle Geschichte seines Landes*). Nessa resenha, observamos a incidência de alguns imagotipos nas remissões.

8 Quero salientar que tal lista nunca teve a pretensão de ser exaustiva, e que é provisória.

9 Disponível em: <http://www.focus.de/kultur/buecher/literatur-brasilien-2013-ehrengast-der-frankfurter-buchmesse_aid_522686.html>.

10 Trata-se aqui de um jogo de palavras entre *Muttersland* (terra de origem da mãe) e *Vaterland* (terra do pai), que significa pátria. A resenha está disponível em:

O resenhador destaca as diferenças entre os dois personagens irmãos e inimigos. Omar foi criado no Brasil, logo é o que tem a maior influência dos brasileiros. Esse personagem é descrito como *corajoso e audacioso, um jogador, mulherengo e poeta. É um preguiçoso, não sem inteligência, e vive como um parasita na mansão da família* (no original: *ist mutig und draufgängerisch, ein Spieler, Frauenheld und Poet. Er ist arbeitsscheu, nicht unintelligent und lebt als Schmarotzer in der Familienvilla*). Isso sugere o imagotipo *Brasileiro é indolente e malandro*. Assim, o filho que ficou no Brasil reúne qualidades disfóricas, e o que cresceu fora tem as qualidades, a energia de um imigrante. (**Yaqub hat die Energie des aufstrebenden Einwanderers = Yaqub tem a energia de um imigrante esforçado**).

O Brasil é um país de contrastes/de divisão entre centro e periferia é o imagotipo observado mais adiante no texto:

Die Entwicklungen Brasiliens zwischen 1914 und den 70er-Jahren - Weltkrieg, Industrialisierung, Militärputsch und Wirtschaftswunder - bilden den zeitlichen Hintergrund für das Familienleben des muslimischen Halim, der seine Frau Zana mit arabischen Versen verführte und ihr jeden Wunsch erfüllte" (= A evolução do Brasil entre 1914 e os anos 70 – guerra mundial, industrialização, golpe militar e milagre econômico – configuram o cenário temporal para a vida da família do muçulmano Halim, que conquistou sua esposa Zana com versos árabes e realizava todos os desejos dela).

Die Söhne Yaqub und Omar verkörpern die innerbrasilianische Teilung von Zentrum (São Paulo) und Peripherie (Manaus) (= Os filhos Yaqub e Omar corporificam a divisão interna no Brasil entre centro (São Paulo) e periferia (Manaus)).

Surge aqui um aspecto bastante insistente em textos alemães que falam do Brasil: a violência do país, personificada por Hatoum nos desentendimentos entre os irmãos, sem dúvida, e destacada pelo resenhador.

*Der Wettstreit zwischen den Brüdern spitzt sich mit dem Alter zu. Ohnmächtig vor Wut, weil der **Stratege Yaqub** ihn übertrumpft und kühl aus der Ferne seine Rache plant, schlägt der gewalttätige Omar den Bruder bei einem Besuch in Manaus zusammen". (= A competição entre os irmãos aguça-se com a idade. Impotente de fúria, porque o **estrategista Yaqub** triunfa sobre ele e friamente planeja sua vingança à distância, o **brutal** Omar acaba com o irmão durante uma visita a Manaus.)*

Essa questão da violência e do super-realismo na literatura contemporânea tem sido apontada como característica por diversos estudiosos,

também brasileiros, como Castro Rocha (2006). Ele propõe, para análise da sociedade brasileira e de sua produção cultural mais recente, o que ele chama de “dialética da marginalidade”, “fundada no princípio da superação das desigualdades sociais através do confronto direto em vez da conciliação, através da exposição da violência em vez de sua ocultação” (ROCHA, 2006, p. 26). Nesse modelo, o termo *marginal* refere-se não apenas ao bandido, mas se estende aos excluídos dos benefícios do progresso social, à margem dos direitos elementares. O autor parte da análise de textos literários de Carolina de Jesus, Paulo Lins, Ferréz, André do Rap, músicas e demais manifestações artísticas em que reconhece o movimento da dialética da marginalidade, muito diferente da chamada dialética da malandragem, proposta por Antonio Candido.

Texto 3) *Von Patriarchen und Indios (Sobre patriarcas e índios)*. Trata-se de uma resenha, de Saskia Vogel, do romance *Cinzas do Norte*, publicada no TAZ em 11 de outubro de 2008. Já no olho da matéria, Vogel lamenta que Hatoum idealize a população indígena e critica o clichê *kitsch* do título em alemão: *Cinzas do Amazonas*¹¹. Nessa resenha, observamos os imagotipos: *O Brasil é uma terra selvagem*, “*de tribos esquecidas*” (no original, „*irgendeinem vergessenen Indiostamm*“); o Brasil é um país de contrastes (desenvolvido X subdesenvolvido, floresta X industrialização, produção cultural sofisticada X mudez). Vale a pena transcrevermos e traduzirmos o trecho: *Aber es gibt kaum signifikante Bücher von Schriftstellern aus Amazonien selbst. Die Region scheint keine Stimme zu haben, selbst in Brasilien nicht, in dem sich die literarische Produktion vornehmlich auf den industriell hoch entwickelten Südsten konzentriert. [...] Hatoum ist einer der wenigen Schriftsteller, die die Region auf dem internationalen Buchmarkt vertreten.* (No entanto, quase não há livros significativos de escritores oriundos da Amazônia. A região parece não ter voz, nem no Brasil, onde a produção literária se concentra sobretudo no Sudeste industrialmente muito desenvolvido. [...] Hatoum é um dos poucos escritores que representam a região no mercado editorial internacional).

No trecho abaixo, temos os imagotipos: *O Brasil é um país exótico, selvagem e os índios têm uma inocência natural*, ainda que atribuídos a Hatoum e criticados pelo comentador do texto, são ressaltados por ele e auxiliam na construção da argumentação do texto:

¹¹ O título original de Milton Hatoum é *Cinzas do Norte*, o que não faria sentido para os alemães, já que em sua percepção geográfica o Norte seria o Hemisfério Norte, ou os países ao Norte da Alemanha.

Gleichzeitig legt auch Hatoum die Außenperspektive nicht ganz ab; aus seiner privilegierten Position heraus schreibt auch er vornehmlich über statt aus dem Innern von Amazonien und betreibt eine exotische Idealisierung der indigenen Bevölkerung. So verkörpert Raimundos Mutter Alícia die angeblich existente „ungezähmte Wildheit“ Brasiliens par excellence, ihr rutscht gerne auch mal ganz kreatürlich-unbedacht der Busen aus der Bluse. (Ao mesmo tempo, Hatoum não abandona totalmente a perspectiva de fora; de sua posição privilegiada, ele também escreve principalmente sobre a Amazônia, em vez de escrever do interior da Amazônia, e aciona uma idealização exótica da população indígena. Assim, a mãe de Raimundo personifica a pretensamente existente “indômita selvageria [alma selvagem]”, por excelência, do Brasil; ela gosta de deslizar o seio para fora da blusa, de forma totalmente natural e espontânea).

Saskia Vogel atribui ao romance uma grande qualidade política (*große politische Qualität*), a de ser de um escritor famoso, de origem “árabe”, que critica direta e não apenas alegoricamente a ditadura e suas consequências ainda hoje perceptíveis e que contribui para a conscientização política do país, ao falar sobre a história. Vemos o imagotipo da violência em outra forma:

Hatoum ist neben Raduan Nassar der zweite bekannte brasilianische Schriftsteller mit arabischem Hintergrund - beide verbindet das Thema der übermächtigen Dominanz des Vaters. Doch was in Nassars Roman „Das Brot des Patriarchen“ (1975) nur als Allegorie verhandelt wird, wird bei Hatoum direkt kritisiert: „Asche vom Amazonas“ ist eine Anklage der Militärdiktatur, der skrupellosen Wirtschaftseliten Brasiliens, die das Land zwischen 1964 und 1985 gleichschalteten. Die Auswirkungen der Diktatur sind bis heute spürbar - ein korrupter Polizeiparapparat, tägliche Verletzungen der Menschenrechte und ein brutales Vorgehen gegen Minderheiten. (“Cinzas do Amazonas” denuncia a ditadura militar, as elites brasileiras inescrupulosas, que, entre 1964 e 1985, governaram o país. As consequências da ditadura até hoje são perceptíveis - aparato policial corrupto, violações diárias dos direitos humanos e um comportamento brutal contra minorias).

Texto 4) Plastik statt Juta (Plástico em vez de juta)

Nessa resenha, de Florian Borchmeyer, publicada no FAZ, em 18 de outubro de 2008, Milton Hatoum é comparado ao Thomas Mann dos Buddenbrooks¹² e, assim, exemplos da literatura brasileira são comparáveis

¹² *Es könnte auch, im Stile einer Art von brasilianischen "Buddenbrooks", als Untertitel "Chronik eines Verfalls" darüber stehen.*

aos clássicos europeus. Hatoum recebe ainda outros elogios, o seu romance é descrito como dotado de uma dimensão impressionante e que fez “escolhas geniais”, como a do narrador-testemunha Olavo. Destaca-se a beleza discreta do romance, retrato da decadência de uma era. Quanto aos imagotipos, podemos observar: *o Brasil é um paraíso; O Brasil é um país de opressores/opressores decadentes; O Brasil é um país de diferenças sociais gritantes.*

Zu sehen ist auf dem ersten Bild ein tropisches Feudalidyll: ein prunkvolles Herrenhaus in Amazonien mit einem Heer von indianischen Arbeitern am Fluss, unter ihnen der Künstler selbst, der das Geschehen zeichnet. Darüber thront der Herrscher und Besitzer dieses Reiches, den Lieblingshund an seiner Seite. (= No primeiro quadro vê-se um idílio feudal tropical: uma casa senhorial magnífica na Amazônia com um exército de trabalhadores indígenas às margens do rio, entre os quais está o próprio artista desenhando a cena. Entronizado no alto está o senhor e dono desse reino, seu cão de estimação a seu lado)¹³.

Nos trechos que seguem, vê-se o reflexo dos imagotipos: *O Brasil tem uma história multifacetada, é um país da multiplicidade, é um país de contrastes; o Brasil é o oposto do Éden.*

farben- und facettenreiche Geschichte von Aufstieg und Fall zu zeichnen. (história, rica em cores e facetas, de ascensão e queda).

Figuren eines Allegorienspiels, das Geschichte und Gesellschaft dieser Stadt am Rio Negro mit all ihren schwindelerregenden Höhenflügen und Zusammenbrüchen sinnbildhaft wiedergibt - vom größenwahnsinnigen Bau eines Opernhauses mitten im Urwald über den kollektiven Ruin nach Ende des Kautschukbooms bis hin zum neuen Aufschwung

¹³ Os trechos entre aspas são citações do romance. Compare-se com o original de Hatoum em português e observe-se que, curiosamente, o tradutor deixou de fora os caboclos e os japoneses: “Na primeira pintura uma figura masculina aparece de corpo inteiro, olhos cinzentos no rosto severo, ainda jovem, terno escuro e gravata da cor dos olhos, as mãos segurando um filhote de cachorro, e, ao fundo, o casarão de Vila Amazônica, com índios, **caboclos e japoneses** trabalhadores trabalhando na beira do rio. Mundo, no meio dos trabalhadores, olha para eles e desenha. Nas quatro telas seguintes as figuras e a paisagem vão se modificando, o homem e o animal se deformando, envelhecendo, adquirindo traços estranhos e formas grotescas, até a pintura desaparecer. As duas últimas telas, de fundo escuro, eram antes objetos: numa, pregados no suporte de madeira, os farrapos da roupa usada pelo homem no primeiro quadro, que havia sido rasgada, cortada e picotada; na última, o par de sapatos pretos cravados com pregos que ocupavam toda tela, os sapatos lado a lado mas voltados para direções opostas, e uma frase escrita à mão num papel branco fixado no canto interior esquerdo: História de uma decomposição – Memórias de um filho querido”.

der Stadt als Freihandels-Millionenmetropole (personagens de um jogo de alegorias, que reproduz simbolicamente história e sociedade dessa cidade às margens do Rio Negro, com todos os seus vertiginosos picos e depressões – desde a construção megalomaniaca de um teatro de ópera no meio da floresta, passando pelas ruínas coletivas depois do fim da extração de borracha e adiante até o novo desenvolvimento da cidade como metrópole de livre comércio).

hochprofitablen Export von Tropenhölzern investiert hat. Die einstmals idyllischen Landschaften am Fluss versinken in Müll und Umweltzerstörung. (investiu os altos proventos de suas obras na exportação superlucrativa de madeiras tropicais. A paisagem um dia idílica, às margens do rio, afunda em lixo e destruição ambiental).

Considerações finais

Podemos supor que a persistência dos imagotipos, em sua antiga face ou transmutados, sirva de ponte, de acesso persuasivo aos temas que realmente interessam aos jornalistas/resenhadores. Vamos assumir a hipótese de trabalho que os imagotipos em relação ao Brasil e nossa literatura, assim como outros estereótipos, provavelmente constituem âncoras textuais necessárias para servir de apoio para a construção de novos sentidos. Mesmo ao retomá-los, os resenhadores podem usá-los para superar esses mesmos imagotipos. Vamos considerar, assim, que esses imagotipos são mais do que meras ferramentas textuais e podem revelar-se elementos de base persuasiva, ancorados em processos de referenciação.

A análise dos processos de construção textual possibilita ao estudante de jornalismo o desenvolvimento de competências exigidas para essa atividade cognitivo-interativa altamente complexa que é a escrita. Além disso, chama a atenção para sua responsabilidade como profissional, na medida em que participa da construção da imagem ou representação de uma cultura.

Referências

BARBOSA, F. L. C. Visões seiscentistas do paraíso e do inferno: passos na construção da recepção da literatura brasileira na Alemanha. In: **Raído**, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 267-276, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/599/537>>. Consulta feita em 12 nov. 2011.

CAMARGO, K. A. F.. “A imagologia e seus teóricos”. In: **Labirinto - Revista eletrônica do centro de estudos do imaginário**. Ano VI, nº9, janeiro – junho de 2006, Universidade Federal de Rondônia. Disponível em <http://www.cei.unir.br/artigo92.html> , acesso: 14/11/11.

CASTINO, S. B. A. S. **A imagem da literatura brasileira na imprensa alemã: do segundo império até a geração de 45**. Relatório de Pesquisa realizada junto ao CIP da Faculdade Cásper Líbero, 2011.

CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULIA, A. (orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTE, S. M. S. **A metáfora no processo de referenciação**. Dissertação apresentada à PUC de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

CARVALHO, J. M. de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. In: **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, vol. 13 n. 38 out. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>.

DEWULFE, J. “Sobre a mulatização da literatura: o caso do escritor Hugo Loetscher”. In: **Línguas e Literaturas. Revista da Faculdade de Letras**, nº 18, p.511-522. Porto, 2001. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3037.pdf>

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I.G.V.; MARCUSCHI, L.A. Processos de referenciação na produção discursiva. In: **Revista DELTA**, 14, p.169-190, 1998.

KOCH, I.G.V. A referenciação como construção sociocognitiva: o caso dos rótulos. In: **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 201-213, jan./jun. 2008.

LEERSSEN, J. **Imagology**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. In **Revista do GELNE**, v. 2, n. 2, 2000.

MELO, C. T. **A construção da sinonímia por encapsulamento anafórico**: uma perspectiva sóciocognitiva. Tese de doutorado defendida junto à UFP, Centro de artes e comunicação, 2008. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/2008/teses/tese-cinthya-torres.pdf>>. Acessado em: 09 dez. 2010.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, J. C. C. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. In: **Letras. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM**, 2006.

ROMERO, M. S. La investigación textual imagológica contemporânea y su aplicación em el análisis de obras literárias. In: **Revista de Filología Alemana**, n° 28, 9-28, 2005.

SOUSA, C. H. M. R. **Do cá e do lá. Introdução à Imagologia**. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. “Literatura e imagologia”. In: **Pandaemonium germanicum**. São Paulo, n. 17, julho/2011, p. 159-186. Consulta em 22/8/11. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2011.1/08_Ribeiro_de_Sousa_Celeste.pdf